



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DEIVISON DOUGLAS SOARES BARBOSA

**PRATICAS CORPORAIS DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES NO
CONTEXTO ESCOLAR**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DEIVISON DOUGLAS SOARES BARBOSA

**PRATICAS CORPORAIS DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES NO
CONTEXTO ESCOLAR**

TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. º. Dr. Adriano Bento Santos

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE

2021

Catálogo na Fonte
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecário Jaciane Freire Santana, CRB-4/2018

B238p Barbosa, Deivison Douglas Soares.

Práticas corporais de aventura e suas possibilidades no contexto escolar / Deivison Douglas Soares Barbosa. - Vitória de Santo Antão, 2021.

34 p.; il.

Orientador: Adriano Bento Santos.

TCC (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2021.

Inclui referências.

1. Educação física para crianças. 2. Esportes radicais. 3. Slackline.
I. Santos, Adriano Bento (Orientador). II. Título.

796.083 CDD (23. ed.)

BIBCAV/UFPE - 245/2021

DEIVISON DOUGLAS SOARES BARBOSA

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E SUAS POSSIBILIDADES NO
CONTEXTO ESCOLAR**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 17/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Bento Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Haroldo Moraes Figueiredo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Anderson Rafael da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, me dando forças e sabedoria para chegar até aqui, quando as coisas pareciam impossíveis a fé e perseverança mostrava as possibilidades e me provava que os sonhos nunca morrem.

Aos meus pais **Josenilton Barbosa** e **Sandra Xavier** que acreditaram naquele garotinho da zona rural da cidade de feira nova, filho de agricultores e o primeiro a ter uma graduação da família, sou imensamente grato a eles que apesar das dificuldades nunca nos deixou faltar nada e sempre me motivaram a estudar e me ajudaram a seguir meu caminho na Educação Física.

Aos meus irmãos **Eraldo Soares** e **Thiago Xavier** por acreditarem no meu potencial e me motivaram nos dias difíceis.

A minha namorada e amiga **Alanny Raynara** que sacrificou diversos dias para a concretização deste trabalho e sempre me motivou a ser melhor.

Dedico esse trabalho também ao meu tio **Edson Xavier**, que infelizmente não está mais entre nós, ele que sempre acreditou em mim e me apoiou desde sempre, essa conquista é nossa, tio!

Ao meu professor, mentor, aconselhador e orientador **Prof. Dr. Adriano Bento Santos** que me deu oportunidade de trabalharmos juntos e graças a ele e a disciplina ofertada por ele, minha vida foi transformada por inteiro, obrigado por não desistir mesmo quando eu estava omissa o Sr sempre foi compreensivo.

Não esquecendo de todos os professores que fizeram parte do meu processo educativo (desde o ensino fundamental, médio e graduação)

Aos meus colegas de graduação por todos os momentos incríveis que foram vivenciados em especial a **Vinicius Alves** um amigo/ irmão que não dá pra descrever o quão incrível esse cara é, além de um excelente profissional e **Bruno Lira** ser humano ímpar, formando assim o trio de feira nova desde o início da graduação, aos meus grandes amigos **Eduardo Ferreira**, **Livia Tabosa** e **Ravi Feitosa**, a família que a UFPE me presenteou, amigos, irmãos, que sempre apoiaram um ao outro, obrigado amigos por tanto.

Ao professor **Dr. Haroldo Figueiredo** por aceitar ser minha banca na presente pesquisa.

Obrigado aos meus avaliadores **Anderson Rafael** e **Haroldo Figueiredo** que aceitaram esse desafio de colaborar com embasamento teórico importantíssimo para a realização dessa pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que me auxiliaram, me apoiaram e fizeram com que eu alcançasse os meus objetivos.

“A cada passo você tem 360° de possibilidades”.

(Clóvis de Barros)

RESUMO

A atuação do Profissional de Educação Física passa por momentos de inúmeras mudanças e os alunos necessitam ser estimulados para novas formas de experiências e aprendizagens. As práticas corporais de aventura na escola contam com um grande desafio que são dentre tantas outras coisas o principal é quebrar paradigmas, para isso a presente pesquisa tem como objetivo analisar os estudos, as discussões e relatos que possam mostrar como os professores buscaram e encontraram meios de unir esse conteúdo aos discentes na educação básica nas redes públicas no Brasil, objetivando compreender quais as possibilidades de inserção das PCA nas aulas de educação física escolar. O estudo constitui-se de um estudo do tipo qualitativo e descritivo e para a elaboração da pesquisa utilizamos três plataformas para a busca na literatura, google acadêmico, lilacs e scielo, bem como a leitura de livros, revistas e textos para a complementação do trabalho. São apresentados relatos de docentes e números que confirmam que as PCA podem e devem fazer parte das aulas de educação física na escola. A maioria das pesquisas foram realizadas nos últimos 15 anos comprovando assim que ainda é um conteúdo recente abordado por pesquisadores e que requer uma maior atenção, pois, está diretamente ligada com a relação ensino-aprendizagem e o estilo de vida dos alunos. Concluimos que sim é possível a inserção das PCA como conteúdo nas aulas de educação física e que é de suma importância o conhecimento e/ou a formação continuada do profissional de educação física.

Palavras chaves: práticas corporais de aventura; educação física escolar; capacitação profissional.

ABSTRACT

The performance of Physical Education Professionals goes through moments of countless changes and students need to be stimulated to new forms of experiences and learning. The corporeal adventure practices at school have a great challenge that are, among many other things, the main one is to break paradigms, for this the present research aims to analyze the studies, discussions and reports that can show how teachers sought and found ways to unite this content to students in basic education in public networks in Brazil, aiming to understand the possibilities of inclusion of PCA in physical education classes at school. The study is a qualitative and descriptive study and for the elaboration of the research we used three platforms for the literature search, academic google, lilacs and scielo, as well as the reading of books, magazines and texts to complement the work . Teachers' reports and numbers confirming that PCA can and should be part of physical education classes at school are presented. Most of the researches were carried out in the last 15 years, thus proving that it is still a recent content addressed by researchers and that it requires greater attention, as it is directly linked with the teaching-learning relationship and the students' lifestyle. We conclude that yes, it is possible to insert PCA as content in physical education classes and that the knowledge and/or continuing education of physical education professionals is of paramount importance.

Keywords: corporal adventure practices; physical education at school; professional training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Componentes Curriculares da área de Educação Física em Pernambuco.....	19
Figura 2 - Docentes que cursaram a cadeira de Esportes de Aventura	24
Figura 3 - Docentes que aplicariam o conteúdo de Esportes de Aventura	25
Figura 4 – Aplicabilidade x impossibilidade do conteúdo	25
Figura 5 - Preferência dos Conteúdos nas aulas de Educação Física pelos discentes	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação dos esportes radicais	17
Tabela 2 – Resultados das pesquisas por palavras chaves	21
Tabela 3 – Número de estudos utilizados por palavra chave	22

LISTA DE ABREVIações

PCA = Práticas Corporais de Aventura

AFANS = Atividade Física de Aventura na Natureza

BNCC = Base Nacional Comum Curricular

DCN = Diretrizes Curriculares Nacionais

PCNS = Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP = Projeto Político Pedagógico

EFE = Educação Física Escolar

PK = Le Parkour

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema.....	13
1.2 Justificativa.....	13
1.3 Objetivos	14
<i>1.3.1 Objetivo Geral.....</i>	<i>14</i>
<i>1.3.2 Objetivos específicos.....</i>	<i>14</i>
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Praticas corporais de aventura e a escola	16
2.2 Referencial curricular de Pernambuco.....	18
4 RESULTADOS DA PESQUISA	22
5 DISCUSSÃO	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCA) são conteúdos que formam um amplo leque de expressões humanas dadas pelo corpo em movimento, denominadas como “Cultura Corporal”(SOARES et al. 1992).

Essas práticas tem se expandido e dificilmente encontramos alguém que não tenha alguma idéia do que sejam, ainda que reconhecidas por outras nomeclaturas como Esportes de aventura, Esportes de Risco, Esportes radicais, Atividades de aventura entre outros.

Inácio (2014, p. 533), caracteriza as PCA como:

Práticas corporais que objetivam frequentemente a aventura e o risco, buscam ser praticadas em ambientes distantes dos grandes centros urbanos, especificamente em espaços com pouca interferência humana, sejam estes: água, terra e ar. Também se caracterizam por possuírem um alto valor educativo e por uma busca do (re)estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode resultar em algum avanço para ultrapassar a lógica mercadológica do lazer e com o objetivo de resgatar alguns valores humanos, como a cooperação e solidariedade.

Marinho e Schwartz (p.1, 2005) trazem em seus estudos que o crescimento destas práticas é impulsionado por uma sustentação mercadológica; como consequência desta ampliação,

(...) As mesmas têm recebido um crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais, campos de atuação profissional, tornando-se um instigante desafio, no que tange ao respaldo e conhecimentos necessários para uma atuação prática com qualidade e que possa favorecer experiências verdadeiramente significativas para os seus adeptos.

Porem não apenas por determinantes mercadológicos, a evolução dessas práticas também foi impulsionado pelo desejo de experimentar coisas novas, emoções prazerosas, riscos, com sentimentos de ser e se sentir capaz, seja em ambientes aquáticos, terrestres ou no ar (MARINHO, 2004).

Tahara e Carnicelli Filho (2013) relatam que as pessoas que procuram as PCA desejam vivências mais espontâneas e significativas, para fugir da rotina estressante dos grandes centros urbanos, e buscar assim uma melhor qualidade de vida em seus momentos de

lazer.

Toda esta dinâmica gerou a necessidade de a sociedade conhecer e reconhecer estas práticas e, para isto, o melhor e mais eficaz meio que foi indicado para essa propagação foi a escola, especificamente na disciplina de Educação Física. Pode-se confirmar isto com a inclusão do conteúdo PCA na BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), ainda que, mesmo antes desta inclusão, diversos autores já trataram do tema na Educação Física Escolar (EFE) como temas transversais.

A BNCC é um documento construído por pesquisadores, professores e representantes de associações como a Undime e a Anped; é um descritivo de conteúdos e saberes necessários para cada ano e segmento da educação básica no país. Na BNCC as PCA são indicadas como um conteúdo da disciplina de EF, desde o sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio.

Sendo apresentada a sua primeira versão no ano de 2016, a Revista Motrivivência (2016, v.28, n.48), publicou um dossiê sobre a Educação Física na BNCC, a partir disso, Inácio et al (2016) publicaram um artigo crítico sobre a inserção das Práticas Corporais de Aventura.

Na BNCC, o documento traz estes conteúdos de uma forma diferente classificando-as com base no ambiente onde serão realizados: na natureza ou urbanas, e são mencionados alguns exemplos de atividades que podem ser realizadas na natureza e também que podem ser realizadas no meio urbano; são mencionadas ainda PCA que podem ser realizadas nos dois ambientes recebendo o nome de mista.

Observamos como um avanço a presença deste conteúdo no documento, pois muitos profissionais/professores de Educação Física desconhecem as PCA e, a partir da reformulação da BNCC de 2018, esse quadro pode mudar. Tendo como exemplos os países europeus, que já introduziram esse conteúdo e ele faz parte do currículo mínimo indicado em seus ordenamentos legais há décadas, como, podemos citar a Espanha, onde esse conteúdo é tratado desde o ano 1990 (MEC, 1990).

As PCA no ambiente escolar são uma opção de inovação para as aulas de Educação Física. Segundo Marinho e Schwartz (2005, p.2) essas práticas têm sido reconhecidas e começam a ser aplicadas em contextos escolares, através de vários meios, como disciplinas extracurriculares ou através de cursos de extensões; Baierle concorda:

[...] as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) têm sido apontadas como meio promissor no espaço educacional, devido à sua potencialidade

enquanto instrumento pedagógico, podendo assumir um caráter interdisciplinar, contribuindo no processo de construção de um conhecimento mais amplo e mais facilmente assimilável, dado seu valor prático e vinculando com a busca teórica dos conteúdos desenvolvidos através desta prática, criando laços mais estreitos entre ser humano e natureza (BAIERLE, 2012, p.16)

Estas práticas são frequentemente associadas ao ambiente natural, mas podem ser realizadas em qualquer ambiente, inclusive na escola. De acordo com Franco (2008) as vivências de aventura geram uma maior aproximação entre o praticante e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais como: o sol, montanha, vento, rios, lagos, vegetação, lua, chuva, fauna e flora de um modo geral, contruindo assim atitudes de respeito, admiração e preservação pela natureza. Além disso, estas práticas como conteúdo pedagógico dentro das escolas, “têm condições de tornar a Educação Ambiental um processo mais ampliado da consciência da sensibilidade desse corpo em contato com a natureza.” (INÁCIO; 2013, s/p).

No Brasil, onde o tema é recente, quais são/seriam essas dificuldades? Será que, apesar de ser algo novo, existem professores incluindo as PCA em seus planejamentos? Sabe-se que como conteúdo pedagógico as Práticas Corporais de Aventura, ainda são pouco tratadas na literatura, existem um baixo número de referências bibliográficas sobre a temática e ainda menos quando se trata da quantidade de docentes que se apropriaram das mesmas; também pelo fato de a grande maioria dos cursos de graduação de Educação Física no país não oferecerem em sua grade curricular uma disciplina que trate do conteúdo das PCA (INÁCIO, 2013).

A educação física escolar tem passado por fases singulares ao longo de sua trajetória principalmente nos últimos anos. Quando nos voltamos para tratar sobre a cultura corporal de movimento, nos damos conta que a disciplina de Educação Física não vem contemplando o que é necessário para essa cultura dos educandos.

Se fosse proposto aos profissionais de Educação Física o desafio de trabalhar a temática das PCA com os educandos quais seriam os possíveis conteúdos que poderia ser relacionados a esse tema? Será que os profissionais tem qualificação o suficiente para trabalhar essas temáticas? Será que se tem espaço adequado para apresenta-las aos alunos? Essas como outras indagações não podem ser respondidas com absoluta certeza, pois, vai variar de professor para professor, de cada estado, de cada município e acima de tudo da vontade, do interesse e motivação do professor em tratar esse conteúdo específico na escola. Pois é destas observações que decorre a motivação para o estudo aqui apresentado.

O evidente trabalho buscou responder esses questionamentos através da literatura fazendo sua busca em artigos, periódicos, livros e capítulos de livros, não tornando as respostas encontradas como absolutas, porém, como possíveis possibilidades de atuação no campo da Educação Física, principalmente no campo da Educação Física escolar.

As práticas corporais de aventura já são uma realidade em diversas esferas da vida dos seres humanos, em especial no que se diz respeito a esfera do lazer. Entretanto, cabe ressaltar que através do ambiente escolar, esse tipo de atividade poderia ser vivenciado pelos alunos independente da sua situação econômica e social. A corrida de orientação, trilhas, o Le Parkour e a escalada são exemplos de atividades que orientadas por um profissional qualificado poderiam ser atividades proporcionadas as pessoas de qualquer classe econômica e social.

A partir disso podemos nos questionar quanto às possibilidades de atuação do professor de Educação Física no planejamento de conteúdos que façam parte dessa linha de estudo.

1.1 Problema

Os artigos sobre as Práticas Corporais de Aventura tem conseguido discutir as possibilidades de sua inserção nas aulas de Educação Física Escolar ou apenas apontam os benefícios?

1.2 Justificativa

O objetivo inicial desta pesquisa partiu de preocupações relacionadas às novas propostas de ensino para a Educação Física Escolar. Tendo em vista a grande gama de conteúdos que devem ser aprendidos e praticados pelos educandos, aparece na maioria das escolas resumida a dois ou três esportes dentro das quadras e quando as mesmas existem.

Sabe-se que a disciplina de Educação Física exerce um papel fundamental para a vida do aluno no que diz respeito a suas experiências motoras, afetando indiretamente no cognitivo, nas interações sociais, entre outras, buscando educar o aluno para um estilo de vida mais ativo e saudável, este estudo justifica-se também por acreditar que o conhecimento que o conteúdo pode agregar pra a área e para os alunos, possa nos nortear para uma prática com maior adesão e participação nas escolas.

A ideia de se estudar as práticas corporais de aventura na Educação Física surgiu de indagações pessoais à cerca do assunto. Tendo em vista uma crescente na área das atividades de aventuras ligadas a natureza ou não e ao contexto educacional e o pouco debate sobre o tema no estado de Pernambuco, buscamos compreender se é possível utilizar o espaço escolar para a realização de PCA e como os Profissionais de Educação Física tratam essa temática.

A partir de suposições que a Educação Física deve tratar de um campo específico e tem objetivo a ser atingido, dos inúmeros conteúdos indicados na atualidade pela BNCC e Referenciais Curriculares a respeito da Cultura Corporal de Movimento, busca-se por meio deste estudo uma possível concretização, compreender a importância das práticas corporais de aventura da/na escola.

Entendemos que as PCA possam e devam estar presentes no currículo da Educação Física na escola e que possam ser aplicadas efetivamente para que nossos educandos possam desfrutar dessas práticas, tanto nas aulas bem como no seu momento de lazer.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar como as Práticas Corporais de Aventura podem ser incluídas nas aulas de Educação Física e compreender as possibilidades e os desafios presentes no contexto escolar.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar nestes estudos se os docentes tiveram o contato com a temática em sua graduação ou formação continuada, para localizar o ponto de partida de seu conhecimento.
- Identificar nestes relatos se os docentes vêm abordando a temática nas aulas de Educação Física e como estão sendo tratadas, para construir uma compreensão melhor do trabalho pedagógico deles.
- Verificar quais os tipos de espaços têm sido utilizados para trabalhar esse conteúdo nas aulas de Educação Física, para entender melhor esse contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando o assunto são as atividades de aventuras, geralmente acontecem alguns equívocos quanto à nomenclatura relacionando a atividade como esporte, e sabemos que esportes possuem um significado mais amplo, ditado por regras, federações e etc. Em 1995 Betrán (1995) utilizou pela primeira vez a sigla AFANs que até hoje está fixada na literatura e significa Atividades Físicas de Aventura na Natureza e a partir de então essa é a nomenclatura utilizada por diversos autores até a atualidade, onde outros nomes podem ser relacionados e sofrem algumas modificações, como a que estamos abordando a PCA (Práticas Corporais de Aventura).

Os temas transversais têm como finalidade dentro das aulas dar orientação aos alunos a problematizar as questões emergentes que envolvem nosso dia a dia, buscando melhores condições de vida, de saúde, segurança, trabalho, educação, meio ambiente, meio social, de políticas públicas, entre outras. Com esse tipo de formação, estaremos capacitando os educandos para o exercício crítico da cidadania e para a procura da melhoria da qualidade de vida. Segundo Inácio (2007), é um conteúdo de extrema importância na formação superior de um professor de Educação Física, e também no âmbito social, com a visualização de práticas mais qualitativas que contribuam para a formação do professor como cidadão que vive em meio a natureza atentando aos seus cuidados necessários, além de permitir aos alunos outras perspectivas, diferentes do senso comum, a respeito do mesmo.

Porém, apesar de ser um conteúdo muito relevante em vários aspectos pedagógicos, como afirmam os autores mencionados acima, mesmo sendo ampliada no âmbito escolar ainda é escasso nas escolas e na disciplina de Educação Física e quando nos referimos ao meio de formação acadêmica na área esse número tende a diminuir.

São diversos os obstáculos e limites que se colocam para o avanço deste conteúdo na Educação Física Escolar. Observa-se que na Espanha exemplo mencionado anteriormente, onde as PCA estão presentes no currículo há pouco mais de 30 anos, estudos afirmam que sua inserção está distante do referido em lei e do que seria desejável, indicando como principais aspectos que os limitam sendo a falta de estrutura e equipamentos das/nas escolas; os impedimentos impostos pelas administrações das escolas; a falta de possibilidade de reorganização curricular ou das disciplinas; a ideia de que os conteúdos

esportivos tradicionais são mais importantes do que os demais; a recusa em assumir ‘riscos’ presentes nestas práticas, como se também não os houvesse nos esportes tradicionais abordados normalmente, e a falta deste conteúdo na formação inicial e continuada dos profissionais (PEÑARRUBIA, 2014. GARCIA; RODRIGUEZ, 2012. PEÑARRUBIA; GUILLÉN; LAPETRA, 2011).

Nos temas transversais escolares dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), está previsto o Meio Ambiente, que é patrimônio básico para a vida humana, e é de responsabilidade nossa, Docentes, fazermos com que nossos alunos possam interagir com ele, preservando-o, respeitando-o, cuidando-o, e utilizando-o também para o lazer. As PCA podem ser o pontapé inicial desse contato com o meio ambiente nas aulas de Educação Física, seja no modo procedimental que remete a realização da tarefa (saber fazer), bem como, no modo atitudinal que se remete ao (ser), agregando valores, que refere-se entre outras coisas ao respeitar os limites de cada indivíduo e a fazer críticas quanto aos cuidados com o meio ambiente.

2.1 Práticas corporais de aventura e a escola

Pereira (2008) classificou os Esportes Radicais quanto as suas características e o ambiente na qual se é praticado. Dentro dos esportes radicais se segue duas grandes vertentes sendo os Esportes de Ação e os Esportes de Aventura.

Entende-se por AFANs a prática desportiva executada em ambientes externos e internos, em contato com a natureza, buscando constantemente explorar os limites do próprio praticante, com determinado grau de risco que pode variar de médio a alto, se fazendo assim do uso de equipamentos específicos, de alto nível de especialização e qualidade (SCHWARTZ, 2006).

O significado de Ação se dá pelo movimento, atitude ou comportamento, manifestação de força e energia. Aventura tem o significado daquilo que está por vir, algo que seja imprevisível e desconhecido. Pereira, ainda faz uma ligação quanto a esses dois tipos de esportes onde ambos têm os riscos como agente fundamental, porém, com planos e estratégias para minimizar os riscos que as mesmas podem ofertar, elas se diferenciam em relação as suas características que são exibidas na tabela 1:

Tabela 1: Classificação dos Esportes Radicais

ESPORTES RADICAIS		
MEIO	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	Surf, windsurf	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (rafting, caiaque, aqua ride, canyoning)
Aéreo	Base jump, sky surf	Paraquedismo, balonismo, voo livre
Terrestre	Bungee Jump, sandboarding	Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo); mountain bike (down hill, cross country), trekking
Misto	Kite surf	Corrida de Aventura
Urbano	Escalada indoor, skate, patins in line, bike (trial, bmx)	Le parkour

Fonte: Pereira (2008)

Levando em consideração alguns esportes de aventura citados por Pereira na tabela acima, algumas das práticas mencionadas seriam impossíveis de serem praticadas dentro do ambiente escolar, mas a corrida de orientação ou de aventura, técnicas verticais, escaladas e Le Parkour por exemplo, podem ser aplicadas dentro das escolas, academias da saúde ou praças que sejam próximas as escolas. O professor de Educação Física também pode tomar certas medidas e levar seus alunos a parques e praças para vivenciar outras formas de atividades, ambientes diferentes e com isso criar novas formas de ensino para despertar o interesse dos alunos pelo conteúdo tratado e assim como os professores de ciências, história, geografia, entre outros, que podem levar os alunos para excursões pedagógicas, para conhecer teatros, museus, etc. Isso também compete aos profissionais de Educação Física.

Franco ao dialogar sobre os PCNs e suas três dimensões (procedimentais, atitudinais e conceituais) menciona que a A.F.A.N (o autor utiliza essa sigla para tratar de atividades física de aventura), é uma temática que se encaixaria muito bem nessas três dimensões e que caberia ao professor buscar métodos de aplica-las em suas aulas. No que se diz respeito a dimensão procedimental seria bem mais simples a sua execução, quando essa não exige materiais caros ou de última geração, na dimensão conceitual buscaríamos utilizar conceitos ligados ao meio ambiente, as tecnologias, os meios midiáticos, deste modo trazendo os temas transversais que engloba tal conteúdo; no que diz respeito a dimensão atitudinal é nela que está a “cereja do bolo” das Práticas Corporais de Aventura, pois nela se faz necessário a cooperação, a

compreensão, a interação, a solução dos problemas através do diálogo e o respeito às individualidades de cada um. (FRANCO, 2008).

Em estudos realizados com graduados do curso de Educação Física, Teruel (2011) relata que a maior motivação na aplicação das PCA são os resultados que elas proporcionam, incluindo coragem, autoconhecimento, autonomia, responsabilidade e autocontrole. Além disso, Tahara & Carnicelli Filho (2013) e Pimentel (2008) constataam que o ‘perigo’, denominado também como ‘risco’, é um atrativo a mais para sua prática, quando são apresentados de forma consciente e controlada.

A educação ambiental deve privilegiar a educação também em valores, alicerçada assim em pressupostos como: amizade, autonomia, cooperação, democracia e participação, contribuindo para uma educação e formação do indivíduo de forma crítica. (ABREU, 2009).

2.2 Referencial curricular de Pernambuco

O documento curricular é fruto de uma articulação entre a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco e a União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME/PE). Tem como alicerce os Parâmetros Curriculares de Pernambuco - PCPE (2012), que contemplam do ensino fundamental, ao ensino médio e ao EJA (educação de jovens e adultos); as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCN (2013) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica, que foi homologada em dezembro de 2017.

A BNCC foi um documento de fundamental referência para a elaboração das grades curriculares. A BNCC define uma série de orientações que direcionaram os partícipes na elaboração do Currículo de Pernambuco. Assim, a BNCC é um documento normativo que tem por objetivo direcionar as redes de ensino e as escolas para o desenvolvimento de práticas que levem à construção de capacidades, habilidades, atitudes e valores no ponto de vista formar os estudantes integralmente.

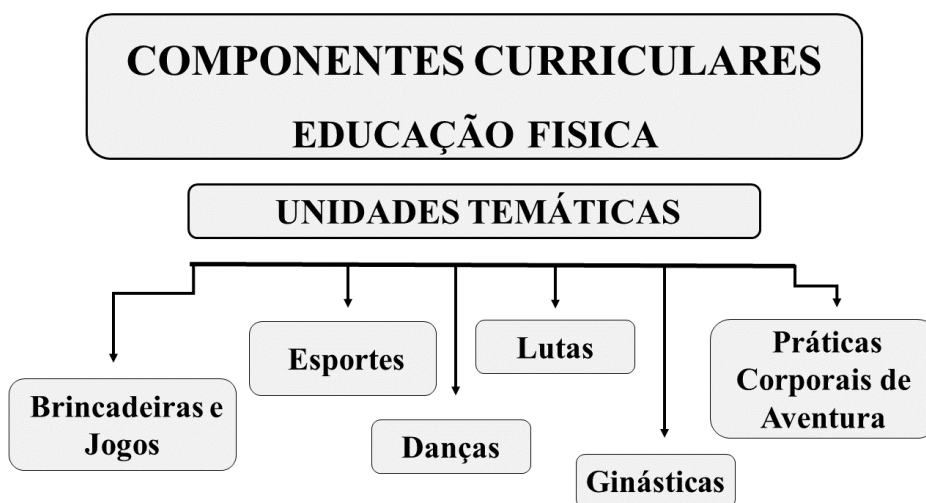
O Referencial curricular de Pernambuco objetiva nortear as propostas pedagógicas dos municípios, os PPP (projetos políticos pedagógicos), das escolas e as práticas pedagógicas praticadas em sala de aula. Estando em consenso com a BNCC e com as DCN para a

Educação Básica, buscando a construção da formação cidadã dos estudantes do estado de Pernambuco.

O Documento Referencial Curricular de Pernambuco está previsto várias temáticas, entre eles: jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas, práticas corporais expressivas /dança, práticas corporais de aventura, urbana e junto à natureza como se pode observar na Figura 1.

O último conteúdo por sua vez, provocou certo espanto entre os professores, por se tratar de conteúdos vistos até então como fora da realidade da grande maioria das escolas do estado e do Brasil como um todo.

Figura 1: Componentes Curriculares da área de Educação Física em Pernambuco:



Fonte: PCPE (2012)

Nas buscas na literatura podemos observar que dentro dessa prática possuem atividades de aventura que podem ser trabalhadas nas aulas de Educação física como: Leitura e uso de mapas; Uso da bússola; Procedimentos de orientação com base em elementos naturais: o sol, a lua, a sombra, as estrelas e normas de segurança e precaução; a própria corrida de aventura ou de orientação que contempla esses recursos mencionados; buscar recursos, lugares e instalações para o desenvolvimento da atividade (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Ainda no Referencial que a BNCC traz, está a sugestão de utilizar esse tema nos anos finais do ensino fundamental e no Ensino médio. Uma das possibilidades para a escolha desses

anos seja pela idade dos alunos quando se trata de uma prática que oferece certos graus de riscos e que necessita de maturidade dos alunos para a realização dessas atividades.

3 MÉTODOS

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa analítica bibliográfica de cunho exploratório. As pesquisas exploratórias buscam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, de caráter aproximativo.

A pesquisa constituiu-se de um estudo do tipo qualitativo e descritivo, onde a investigação está inserida na área dos esportes e práticas corporais de aventura na perspectiva da educação física escolar objetivando investigar através de pesquisas bibliográficas como as práticas corporais de aventura podem ser inseridas nas escolas, nas aulas de educação física.

Considerou-se como bibliografias fundamentais aquelas relacionadas com o tema de estudo, tais como artigos, livros, anais de congressos, revistas, pesquisas, etc. A pesquisa bibliográfica objetivou compreender as diferentes contribuições científicas na literatura sobre a temática e serviu de base para as fases das pesquisas contribuindo para a definição do problema, para a determinação dos objetivos e na justificção da pesquisa.

Para fins de busca, procuramos algumas plataformas virtuais que abranjam trabalhos de diferentes áreas, contextos e ensinamentos, as plataformas utilizadas para a elaboração desta pesquisa foram: Google acadêmico, Lilacs e o Scielo.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Dentro dessas plataformas virtuais, buscamos por algumas palavras chaves para a filtragem de busca sendo elas: Praticas Corporais de Aventura, Educação Física escolar, Capacitação profissional. Os resultados das pesquisas podem ser visualizados na tabela 2:

RESULTADOS DAS PESQUISAS POR PALAVRAS CHAVES			
Palavras	Resultados Encontrados Google Academico	Resultados Encontrados Lilacs	Resultados Encontrados Scielo
Praticas Corporais de Aventura	636	18	04
Educação Fisica Escolar	621	762	325
Capacitação profissssional	468	106	20

Fonte: BARBOSA, D. D. S., (2021)

Esses dados foram extraídos no dia 23 de novembro de 2020 às 19 horas, podendo haver alterações nos números encontrados.

Após os resultados da pesquisa nas plataformas, estabelecemos os seguintes critérios para a avaliação de cada estudo que contiam nelas sendo: trabalhos em que tivessem o tema de acordo com a proposta da pesquisa e que tivesse no seu resumo algo que pudesse ser utilizado no presente estudo, também serviu como criterio trabalhos publicados nos ultimos 10 anos.

Algumas das palavras chaves utilizadas não apresentavam o mínimo de sessenta trabalhos para a averiguação, conseqüentemente, nesses casos foram lidos e avaliados todos os resumos dessas pesquisas que se faziam presentes nas plataformas mencionadas.

Os resultados do número de pesquisas utilizadas pelos seus descritores podem ser visualizados na tabela 3, a seguir.

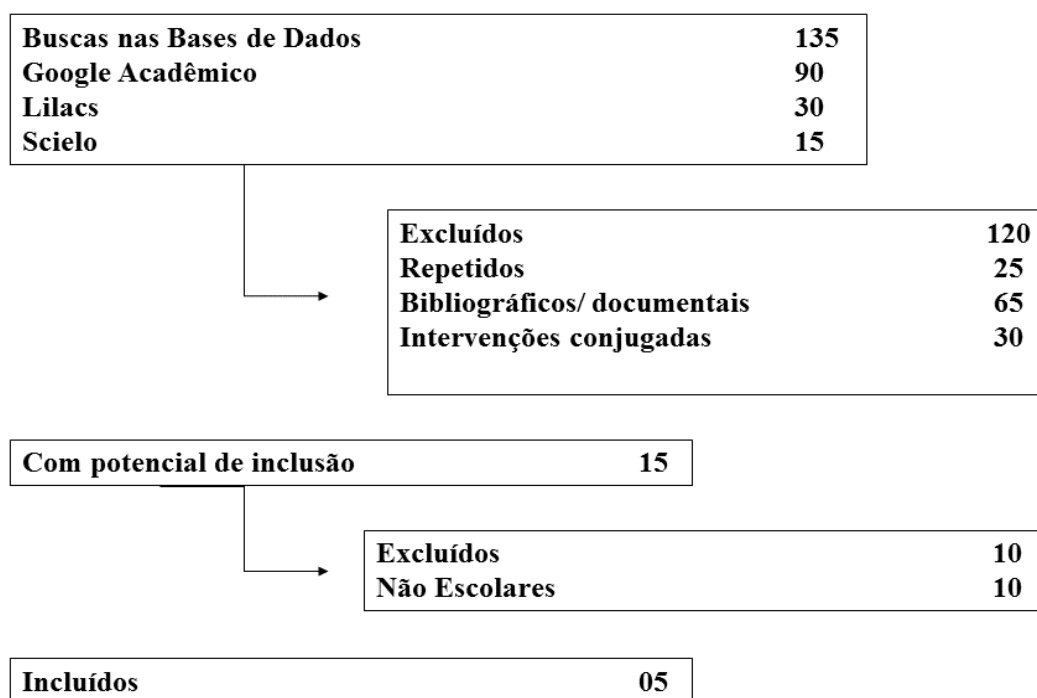
Tabela 3: Número de estudos utilizados por palavra chave:

NÚMERO DE ESTUDOS UTILIZADOS NAS PLATAFORMAS			
Palavras	Estudos analisados/estudos que se encaixam na temática (Google Academico)	Estudos analisados /estudos que se encaixam na temática (Lilacs)	Estudos analisados/ estudos que se encaixam na temática (Scielo)
Praticas corporais de aventura	50/04	10/1	04/0
Educação física escolar	32/0	15/0	08/0
Capacitação profissional	08/0	05/0	03/0

Fonte: BARBOSA, D. D. S., (2021)

A leitura desses dados foi finalizada no dia 03/02/2021 às 17:00. Abaixo podemos visualizar o organograma da seleção dos estudos.

Fluxograma de seleção de estudos



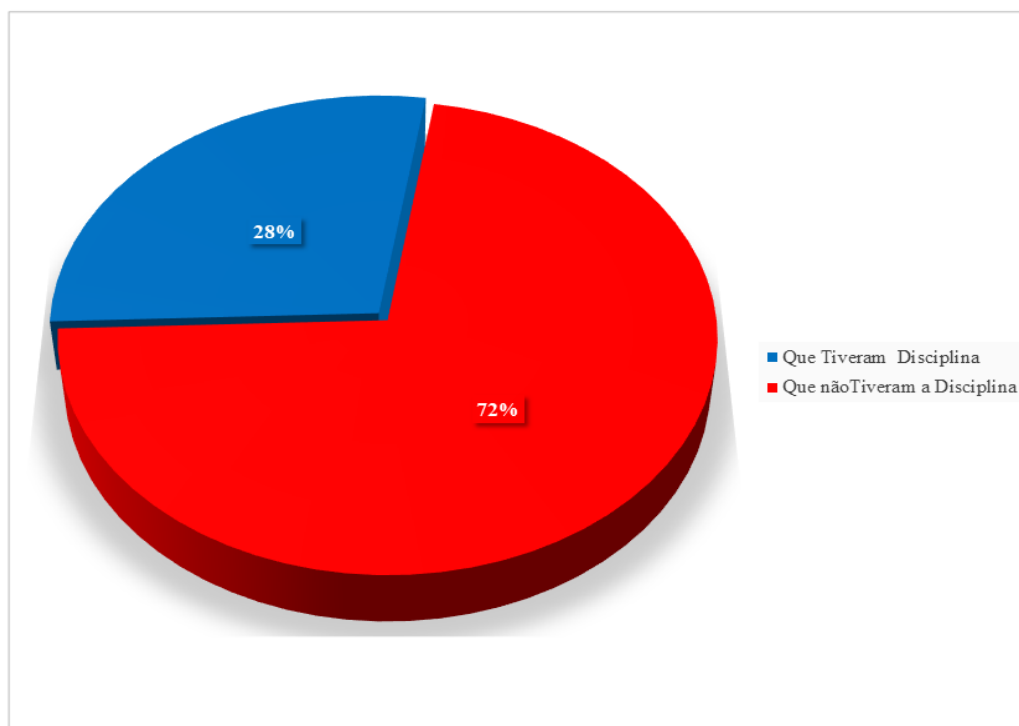
Fonte: BARBOSA, D. D. S., (2021)

Vale ressaltar que após a busca nos bancos de dados do Google Acadêmico, scielo e lilacs pudemos notar que haviam artigos e monografias que estavam presente em mais de uma palavra chave, para tanto, foram utilizados no quadro somente aquelas que não tinham sido lidos em outras palavras chaves. A colaboração de fato significativa para a elaboração dessa pesquisa veio da base de dados Google Acadêmico que apresentou o maior número de estudos que se relacionava com a temática apresentada em nosso trabalho, já na base de dados lilacs, foram poucos os resultados que colaboraram com a nossa temática enquanto que a base de dados, Scielo acabou não colaborando em nenhum trabalho com o presente estudo.

No primeiro artigo, uma pesquisa foi realizada com 18 docentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio de escola de Osório-RS com a finalidade de quantificar se os professores tiveram a disciplina de esporte de aventura, analisar foram e quantos professores realizaram algum curso que visava a complementação na área, quantos consideram em aplicala, quanto à viabilidade e quantos de fato aplicam atividades de aventura (CAPAVERDE, 2012). A pesquisa revisada se fez da utilização de um questionário com 21 questões fechadas que foram compartilhada com os professores.

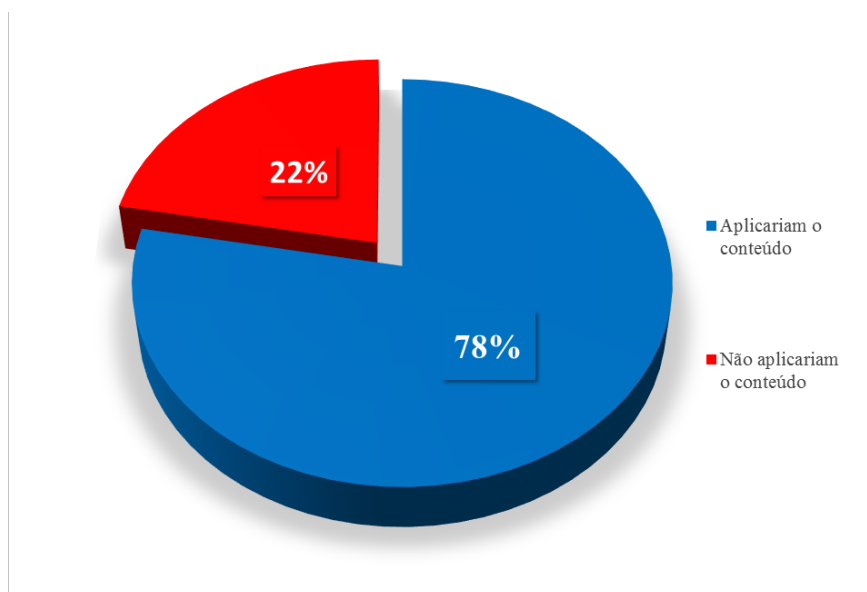
Dos indivíduos investigados 28% (5 indivíduos) cursaram a cadeira de turismo ou esporte de aventura durante a graduação e 72% (13 indivíduos) não tiveram nenhuma cadeira relacionada durante o periodo de formação. A maioria, 78% dos docentes não buscam cursos para sua qualificação, apenas 22% dos professores buscaram e realizaram algum curso nessa area. Vejamos na figura a seguir.

Figura 2: Docentes que cursaram a cadeira de Esportes de Aventura



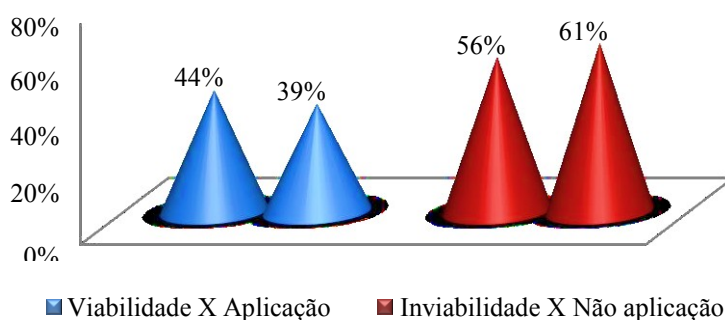
Fonte: CAPAVERDE (2012)

Na realização das perguntas quando questionados se os mesmos aplicariam alguma prática corporal de aventura nas aulas de Educação Física, 78% (14 professores) relataram que já pretendiam aplicar alguma atividade de aventura em suas aulas e 22% (4 professores) nunca sequer, pensaram em aplicá-las. Podendo ser visualizado na figura a baixo.

Figura 3: Docentes que aplicariam o conteúdo de Esportes de Aventura

Fonte: CAPAVERDE (2012)

Quanto à possibilidade de aplicar as atividades, 44% dos docentes (8 indivíduos) relataram que é possível sim esse tipo de prática na escola e 56% dos professores (10 indivíduos) disseram não ser aplicável. Foi averiguado que 39% (7 dos indivíduos) estão executando as atividades de aventura e 61% dos professores (11 indivíduos) ainda não realizam as atividades de aventura nas aulas de Educação Física dentro da escola, como podemos ver na figura a seguir.

Figura 4: docentes que acreditam na aplicação do conteúdo

Fonte: CAPAVERDE (2012)

Poderíamos caracterizar três tipos de práticas pedagógicas na Educação Física que predominam nas escolas do nosso país, sendo as duas primeiras as mais encontradas: a primeira prática é aquela que da continuidade a tradição que foi instalada nas escolas e que foi implementada por volta das décadas de 70 e 80 que é o ensino do conteúdo esportes, em especial o futebol, o voleibol, handebol, futsal e também o basquete, a segunda prática que encontramos ainda na atualidade é aquela que descrevemos como “desinvestimento” que é o profissional “rola bola” e, por fim, a terceira prática e a menos comum, é aquela que procura inovar, busca mudanças e, assim, desvia de alguma forma do modelo tradicional instalado. (SILVA; BRACHT, 2012)

Silva e Bracht (2012), constatou em um dos seus estudos que professores que convivem em um bom ambiente escolar têm mais facilidade para inovar nas atividades e que o contrário impossibilita o amadurecimento de boas ideias.

A professora notou as possibilidades de dentro do ambiente escolar, como pudemos constatar em um depoimento que fez durante um encontro de formação continuada sobre uma experiência com uma prática de esportes de aventura denominada “Enduro a Pé” que é uma competição em equipes, que objetiva realizar a pé e apenas caminhando determinado percurso, disposto em um mapa ou planilha em um tempo estipulado, seria uma união de fundamentos do trekking com a corrida de orientação, a professora descreve também o comportamento de euforia na participação dos demais professores da escola e como as parcerias foram sendo edificadas de forma que o trabalho se tornou uma produção e compromisso da própria escola. (SILVA; BRACHT, 2012).

O êxito na realização das PCA é viável diante de alguns fatores como: características da comunidade escolar, conhecimento sobre a temática e o empenho docente para a sua efetivação, relacionamento com a gestão escolar, estrutura física do local e possibilidade de adaptações. (FRANCO, 2008).

Franco relata em uma experiência própria na década de 90 à implementação de Atividades Física de Aventura no Ensino médio. O autor descreve que foi necessário realizar várias adaptações, e o ambiente que foi utilizado foram as quadras descobertas da escola, bússolas para a orientação e cordas.

Além disso, nessa escola havia um barranco com cerca de quatro metros de altura que foi possível realizar atividades de montanhismo com os alunos. Outro ponto importante é que os alunos se interessaram tanto pelas atividades que logo o Grêmio Estudantil da escola começou a arrecadar dinheiro juntamente com o grupo de pais e mestres objetivando garantir

materiais melhores para a realização das práticas. Ele conclui dizendo: “Cabe ao professor, com seu nível de conhecimento e experiência, saber usar o bom senso e conseguir o melhor caminho para a aquisição dos equipamentos e fazer as adaptações necessárias com a maior segurança possível. Mas, seja qual for a adaptação, o professor deverá sempre valorizá-la como estrutura e material verdadeiramente de cunho pedagógico (FRANCO, 2008).”

Notamos que os espaços físicos não determinam completamente o sucesso das práticas corporais de aventura. Uma instituição escolar com ótimos recursos não nos garante que a aula seja bem aplicada e desenvolvida, o que de fato vai determinar isso é um bom profissional que ela pode ter.

Em nossos estudos conseguimos encontrar na literatura um relato de um docente que descreveu como foi sua trajetória para introduzir a prática do Le Parkour em uma escola da zona leste de São Paulo. O objetivo principal da sua pesquisa era propor vivências dessas práticas na Educação Física infantil.

Vieira (2011) mostrou os benefícios que isso acarretaria na vida das crianças com os ensinamentos da prática do Le Parkour (PK) onde o autor cita exemplos do dia a dia, como correr atrás de um transporte público, saltar uma poça de água na sua rua etc. Nessa pesquisa foram aplicadas aulas de Le Parkour para um grupo 180 crianças com idades que variam entre 4 e 16 anos, e que residem nas imediações da escola CEU na zona leste de São Paulo; para a aplicabilidade do PK se utilizou de alguns implementos como bancos suecos, caixas de papelão, corda, giz, colchonetes entre outros.

Notamos que não precisamos de materiais rebuscados ou implementos de última geração para que as crianças e os adolescentes pudessem ter as vivências do Le Parkour e com isso contribuindo diretamente para o desenvolvimento da agilidade, flexibilidade, força, noção de espaço, noções de lateralidade e também desenvolvendo a criatividade dos alunos para eles criarem outros movimentos de forma livre. Por ser uma modalidade ainda desafiadora aos educandos, cabe ao professor ser um agente transformador que irá propor a criação e inovação nas aulas de Educação Física.

Ferreira (2011) mostrou em sua monografia o relato da experiência com a prática do esporte de orientação dentro da escola e o mesmo se mostrou bastante apreensivo com o comportamento com que os educandos iriam apresentar com as aulas com esse conteúdo.

Então ele iniciou utilizando o próprio ambiente que a escola ofertava para a criação de um mapa no qual os alunos tinham o dever de se guiar por ele.

O mesmo se surpreendeu, pois os alunos responderam muito bem a proposta de aula que ele tinha planejado, deixando de lado o paradigma de que a aula de Educação Física era aquela onde apenas se praticava o futebol e encerrou relatando que os alunos foram imensamente dedicados e que ele se lamentou por não ter trabalhado essa vivência com os alunos antes.

Pudemos notar que com um simples implemento como a elaboração de um mapa feito de uma simples folha A4 trouxe aos alunos experiências que eles nunca tinham vivenciado antes e que os mesmos demonstraram grande interesse no que foi proposto pelo professor, comprovando que para a realização de uma boa aula não se precisa ter os melhores materiais ou do melhor espaço físico, porém esses facilitam caso tenham, mas a ferramenta mais importante como notamos é o professor.

Nota-se que existem outras visões além da prática de fato, da vivência e do material disponível que é quase inexistente na maioria das escolas de nosso país. Carvalho em seus estudos mostra outro ponto de vista que ela vai chamar de micropolítica escolar. Foi realizado um estudo em uma escola de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, ela buscou trazer à tona a realidade escolar de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, onde a através do esporte radical que foi a ferramenta que ela utilizou para “radicalizar” a vida dos seus alunos que viviam incluídos em um quadro de violência constante, delitos, tráfico de drogas, desrespeito as autoridades entre outros. Com isso ela incluiu nas aulas de educação física a pratica de técnicas de descidas verticais por corda, o rapel e o slackline nas turmas de 6º a 9º ano do ensino fundamental. (CARVALHO, 2014)

Os resultados ao findar as unidades de ensino relataram que 89% dos alunos que tiveram o contato com as modalidades se sentiram mais motivados a frequentar a escola, o que seria um ponto bastante positivo, pois, em teoria na escola eles teriam um menor acesso a coisa ilícitas e a violência, e 98% dos alunos declararam que gostariam de continuar a praticar as atividades propostas. Nesse último dado podemos notar a importância dessas práticas para a formação de um acordo para a aplicabilidade dessas atividades para que os educandos possam realiza-las nos momentos de lazer também. (CARVALHO, 2014)

Franco (2008) defendeu sua tese de Mestrado dissertando sobre as atividades em contato com a natureza como parte do currículo obrigatório nas escolas, além disso, relata que para uma melhor compreensão desse conteúdo o mesmo pode ser aplicado em qualquer ambiente escolar. Seu objetivo principal ao realizar esse estudo era:

“(...) explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola, capaz de fazer parte do currículo comum da Educação Física tendo seu devido reconhecimento e valor de conhecimento pedagógico, tanto quanto os outros conteúdos e práticas tradicionais da área (...)” (FRANCO, 2008, p. 5).

Em seu trabalho o autor destacou os meios que levam as pessoas a realizarem atividades físicas de aventura, dos quais a busca da melhoria da qualidade de vida e o desejo de vivenciar novas emoções, novas experiências se destacam. Essa pesquisa foi realizada com 25 pessoas onde se encontraram 46% e 25% respectivamente. O que nos interessa, é ressaltar as atividades “miméticas” (termo esse utilizado por Elias e Dunning (1992) para definir o estado de explosão eufórica da neurose), que estão presentes nessa área como uma forma de fugir da realidade caótica dos centros urbanos, do trabalho, entre outros, podemos ver esse campo como um lugar onde os praticantes tem uma maior liberdade na forma de se expressarem, sem estarem preocupados com o que o meio social que eles vivem vão pensar as AFANs (Atividades Físicas De Aventura Na Natureza). Outra questão que vale destacar é a busca pela melhoria da qualidade de vida como um fator que leva as pessoas a procurarem pelas AFANs. É de suma importância entender que a população já vem se questionando em relação a forma de viver a vida que estão levando, e com isso estão buscando em atividades diferentes o prazer que se encontra na prática das atividades físicas.

Araújo (2012), ressaltou a importância da Educação Física nos anos iniciais da educação básica, no que se diz respeito ao desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais em crianças e finalizou sua pesquisa evidenciando a importância das práticas dos esportes radicais para os alunos, onde notou-se uma melhoria significativa desse grupo.

O autor propôs a sua pesquisa uma amostra de 41 crianças que cursavam o quarto ano do ensino fundamental, o grupo experimental (GE) era formado por 19 crianças entre 9 e 11 anos de uma escola onde realizava-se dois períodos por semana de Educação Física e mais três períodos de esportes radicais no contra turno, o grupo controle (GC) tinha 22 crianças que estavam matriculadas em uma escola com apenas dois períodos por semana de Educação Física sem práticas no contra turno. A partir dos testes realizados nas crianças para avaliar o

desenvolvimento motor, notou-se que os grupos estavam na idade cronológica certa para o seu desenvolvimento, porém o grupo que tinha a prática dos esportes radicais na sua grade semanal apresentaram um resultado ainda mais inesperado, efetivando assim que a prática dos esportes radicais, atividades de aventura, são de suma importância para alunos do quarto ano no que diz respeito ao seu desenvolvimento motor. (ARAÚJO,2012).

Souza (2008) em seus estudos notou um possível problema quando apresentamos os esportes radicais aos alunos, ele sugeriu a um grupo de 44 crianças que levassem seus skates, patins e bicicletas para utilizá-los em duas aulas propostas pelo professor, as crianças contribuíram e levaram os implementos, porém, o autor ressalta que as duas aulas ministradas saíram inferior ao que ele tinha idealizado, pois, algumas crianças não realizaram o que foi proposto por ter medo e o objetivo era que a aula fosse aberta, de uma forma mais livre para as crianças explorarem, o resultado não foi como esperado, parte dos alunos ficaram um bom tempo parados, enquanto os alunos com mais habilidades brincavam livremente com os implementos. Nesse exemplo podemos notar que está explícito a importância do professor de Educação Física desde o ensino infantil e sua qualificação é muito importante, pois não basta ter apenas a iniciativa de criar algo novo, mas também que o novo possa ser executável para que assim a proposta tenha êxito.

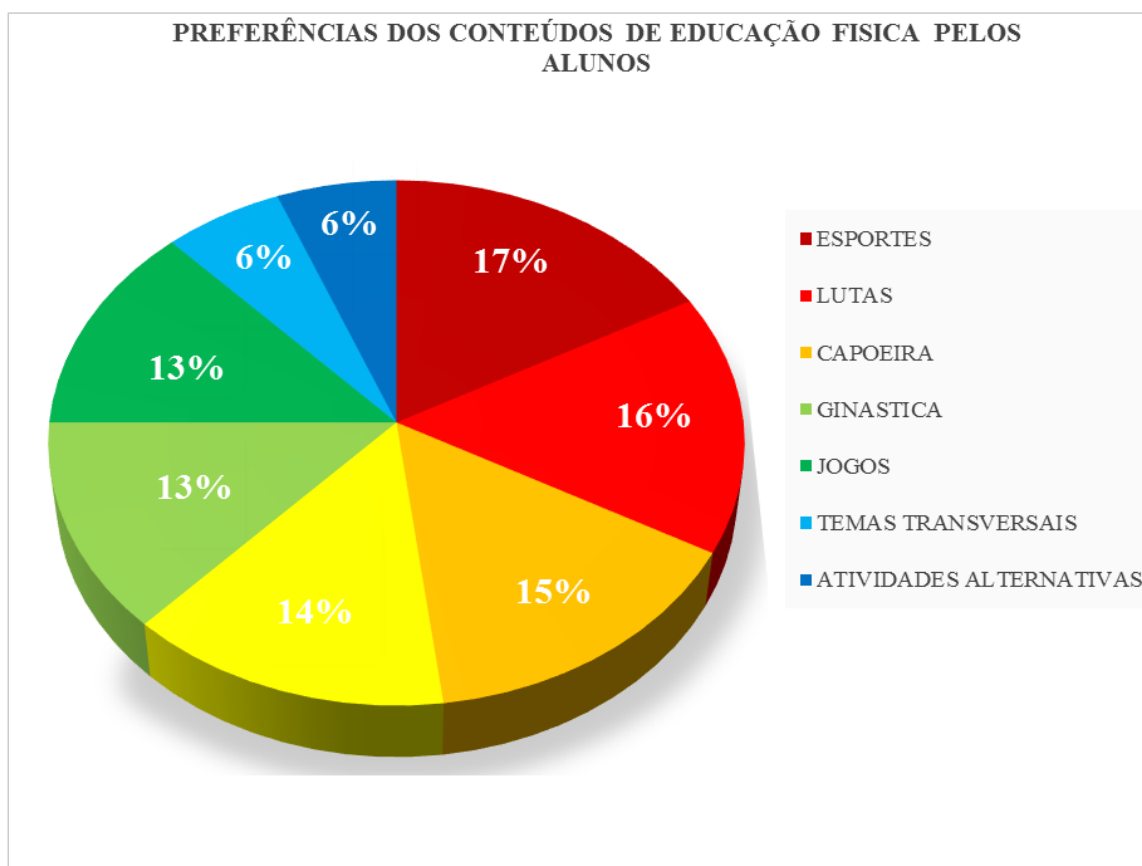
Em uma entrevista com o professor Dimitri Wuol Ferreira (professor universitário na área dos esportes de aventura) Almeida (2014) encontrou respostas que estão de acordo com aquilo que estamos buscando com essa pesquisa. Dimitri discorre sobre os materiais, espaços, fala sobre o trabalho do professor e a aceitação da comunidade escolar para a inclusão dos esportes radicais; o autor fala que o professor tem o dever de mudar a visão no que diz respeito à instituição escolar, o mesmo precisa ver oportunidades em todo o ambiente escolar, assim ele poderá enxergá-la na perspectiva das atividades de aventuras e/ou esportes radicais; os docentes devem buscar inspiração em outras pessoas e com esses conhecimentos somados deixar a criatividade fluir, procurando influência nas pessoas que criam implementos que não se podia imaginar e assim buscar construir seus próprios equipamentos com materiais alternativos e mais rentáveis; o professor essencialmente necessita de vivência e de capacitação, melhor dizendo, não é qualquer pessoa que vai conseguir tornar os conteúdos dos esportes radicais na escola mais dinâmico sem antes ter a vivência e se capacitar para tal; Dimitri na entrevista nos dá uma dica de como começar a vincular os esportes radicais com a comunidade, podendo iniciar a partir de vivências em festividades na escola. Podemos refletir

que tudo é uma questão de querer e recriar novos modelos para as aulas de Educação Física, não se pode dar desculpas para não trabalhar as atividades de aventura no ensino básico.

Teruel (2011), em seus estudos buscou retratar uma possível relação de professores que se sentem preparados para trabalhar e aplicar as AFANs em relação a àqueles professores que não se sentem preparados. Dos 20 professores licenciados que foram submetidos a essa relação, 55% deles responderam que não tem capacitação suficiente para aplicar essa temática nas aulas de Educação Física, eles deram como justificativa para esse despreparo que não tiveram experiência prévia sobre o tema além de pouco recurso metodológico para manter o controle dos alunos durante as aulas. O motivo da falta de preparo se reforça cada vez mais no que o professor Dimitri salientou na entrevista, onde o autor fala que o professor deve ter experiência prévia nos conteúdos que serão abordados. Do outro lado estão os alunos que às vezes acabam sendo prejudicados pelas escolhas de seus docentes, onde os mesmos não proporcionam a eles o maior número de experiências possíveis; dos 20 alunos pesquisados 85% mostraram interesse por Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs). O que comprova que mesmo longe, as práticas das atividades de aventura e os esportes radicais estão indiretamente na vida desses alunos e que os mesmos querem fazer parte dessa esfera que vem crescendo.

Provavelmente um dos maiores receios dos professores de Educação Física seja a resistência que eles ofertam quando se leva novos temas, conteúdos, vivências para as aulas. É sensato ver e entender que a maioria dos jovens se interessam mais pelo “quarteto fantástico” como, futebol, basquetebol, voleibol e handebol, que são os conteúdos que são mais vistos pelos educandos, porém, Metzner (2007) em um estudo com 144 alunos entre 15 e 18 anos de idade, da cidade de Bebedouro- Sp, questionou-os em relação a quais conteúdos eles desejariam aprender nas aulas de Educação Física, e para a surpresa da maioria é que os esportes apareceram apenas com 17% da preferência entre os educandos, já as lutas apareceram com (16%), a capoeira com (15%), a dança com (14%), a prática da ginástica com (13%), os jogos e brincadeiras com (13%), os temas transversais com (6%) e as atividades alternativas com (6%). Podemos ver melhor a distribuição desses números na figura abaixo:

Figura 5: Preferência dos Conteúdos nas aulas de Educação Física pelos discentes



Fonte: Metzner (2007)

Essa pesquisa representa a divergência de algumas ideias onde muitos professores têm argumentado ao passar dos anos em relação a criação de novos conteúdos e a forma com que os alunos irão receber os mesmos. O que nos compete enquanto professores é o dever de não limitar o conhecimento de nossos alunos a apenas práticas esportivas tradicionais, e compreender que existem outros conteúdos, temas, modalidades e etc. que compõem a Educação Física e que podem e devem ser trabalhadas com os alunos. Ao compreender que os esportes não são os únicos conteúdos que os alunos tem preferência em aprender nas aulas, a autora busca separar os possíveis temas transversais em subtemas onde encontramos as relações com o meio ambiente e consequentemente as atividades de aventura que estão presentes na natureza.

5 DISCUSSÃO

O presente estudo nos leva a querer debater qual a função do professor dentro da ambiente escolar bem como os conteúdos e competências que são tratados e transmitidos aos educandos. Vale ressaltar que existe algumas dificuldades no processo de ensinar no que se diz respeito ao atual âmbito político e econômico, é realmente uma trabalho desafiador, entretanto, com a busca de conhecimento e desenvolvimento em grupo e pessoal, os alunos podem ter mais que apenas aulas tradicionais na escola, não as desmerecendo pois cada forma tem seu papel contribuinte para a formação do aluno. Julga-se importante assim o trato e a transmissão de novos conhecimentos quanto as varias possibilidades de tarefas, atividades, exercícios físicos e o pensamento crítico dos alunos que podem ser alcançados nas aulas de Educação Física.

Os possíveis fatores que podem ou não dificultar o ótimo trabalho de um professor são inumeros, é de se imaginar o quanto é difícil “quebrar barreiras, paradgmas” quanto aos ensinamentos propostos dentro da escola; não são só os educandos que estão habituados com o modelo tradicional de ensinar e de ser ensinado, a instituição escolar está ligada com esses métodos que já se tornaram obsoletos e que ainda ofertam certa resistência a novos métodos de ensino.

A instituição escolar pode e deve ser a porta de entrada para as práticas corporais de aventura e possivelmente seja o único lugar onde muitas crianças e jovens terão o contato e os ensinamentos para tal conteúdo. Cabe também ressaltar a importância das PCA para o desenvolvimento social, motor, cognitivo e além dos resgates de valores como cooperação, companheirismo, mais cuidados consigo e com o meio ambiente atrelando a educação ambiental, as reflexões e indagações realizadas visando o pensamento crítico e por último e abrangindo praticamente todas as esferas mencionadas que é o lazer. A Educação Física também faz essa ligação como uma ponte para o âmbito do lazer que pode ser aflorada através de atividades e vivências que despertem o interesse dos educandos, que despertem neles a curiosidade, para que assim eles queiram conhecer mais sobre as aulas.

A Educação Física escolar não vai passar por mudanças positivas se ficarmos olhando para o problema e não indicarmos soluções aplicaveis, alguns docentes tem uma certa parcela de culpa no seu próprio crescimento, pois, saíram da graduação e não buscaram nenhuma capacitação a mais para se atualizarem e consequentemente se qualificarem e dessa forma visam uma Educação Física escolar que está repleto de conteúdos repetitivos, vistos em diversos anos da educação básica. É fundamental a busca

por novos conteúdos, novos conhecimentos, a constante busca e leitura dos documentos na atualidade para a educação e acima de tudo buscar atualizações, formações continuadas, todo o conceito que fazem um professor.

Propor as Práticas Corporais de Aventura na natureza ou urbana, esportes de cunho radicais no ambiente escolar ultrapassam a compreensão do desenvolvimento esportivo formal no qual conhecemos e que é representado pelos meios midiáticos, e as PCA visam incluir aqueles que não apresentam uma posição tão privilegiada economicamente falando. Devemos compreender que a Educação Física é um campo muito privilegiado para a formação crítica de diversos temas. Portanto é viável dialogar a Educação Física com outras disciplinas realizando assim um trabalho multidisciplinar, buscando educar tanto para o cunho pedagógico, para o lazer, bem como para o meio ambiente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que foram tratadas no presente trabalho nos faz refletir e desperta a importância das Práticas Corporais de Aventura sendo ela em contato com a natureza ou não como um conteúdo essencial para os educandos, que envolve o pensamento crítico da cultura corporal do movimento, além de incentivar e agregar valores de trabalho em equipe, amizade, superação, respeito, empatia entre outros. Outro ponto que vale ressaltar é que as PCA, agregam muito a educação quando também relacionada ao meio ambiente, ofertando aos educandos práticas junto ao meio ambiente aprendendo acima de tudo a cuidar e preservar o que temos de mais precioso.

Pelos poucos estudos encontrados com a prática das PCA voltada para o ambiente escolar, podemos deduzir que as PCA estão apenas no discurso e nos documentos tratados pela BNCC, não sendo parte, ainda, da cultura escolar, efetiva-las. Compete aos professores da Educação Física proporcionarem mais este tipo de prática, bem como as secretarias de educação do estado, municípios, promoverem formação específica para esta área, haja vista haver formação inicial tanto ao nível da graduação, quanto da pós-graduação no país, destacando-se os estudos existentes onde sua maioria pertencem a região sul-sudeste do país.

Indicamos que seja efetivada uma intervenção pedagógica que apresente conteúdos que possam ser realizados em locais diversificados para que haja uma possibilidade de estreitamento do âmbito da Educação Física com o meio ambiente e interligando as práticas corporais de aventura sendo elas urbanas ou em contato com a natureza com o pensamento crítico, assim construindo uma relação direta ligada ao indivíduo e sociedade, visando construir um conteúdo que possa fazer com que os educandos vivenciem e reestabeleçam novamente conexões com ambientes naturais.

Apesar de cerca de 93% dos trabalhos encontrados nas plataformas de pesquisas, na literatura de um modo geral, são registrados a partir do ano de 2001, consequentemente sendo considerado um conteúdo novo pelos pesquisadores, compreendemos que as práticas corporais de aventura ou atividades de aventura são possíveis dentro do ambiente escolar da rede pública do nosso país, e que são capazes de fazer várias intervenções didáticas/pedagógicas na Educação Física, relacionando com a Educação Ambiental aumentando assim outros conhecimentos da grandiosa área que é a Educação Física que esta cada vez mais comprometida com o trato do conhecimento buscando formar alunos mais críticos e conscientes.

A inclusão as práticas corporais de aventura na grade curricular na formação acadêmica e nos conteúdos das aulas de educação física escolar acontece vagarosamente devido às instituições de ensino inserir a temática como conteúdos complementares, por não despertar interesse ou por não haver profissionais de educação física formados ou especializados nessa área.

Para sua real inserção como conteúdo das aulas de educação física, é imprescindível o conhecimento ou formação ampliada do profissional de educação física, com base didática, metodológica e pedagógica e trazer reflexões sobre o aprender, sobre o ensinar e o formar por uma possível “pedagogia da aventura”, possibilitando assim um novo planejamento escolar, independente das dificuldades encontradas no percurso para proporcionar aulas diferentes dos modelos tradicionais da educação física escolar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marise Jeudy Moura de; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. A relação entre a educação física e a educação ambiental um estudo na rede municipal de ensino de Curitiba. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: PUCPR, 2009.

ALMEIDA, Adriana Mesquita; GÁSPARI, Arthur Fernandes. Esportes Radicais, De Aventura E De Ação: O Conteúdo Do Ensino Formal E Não Formal E Os Desafios De Formação E Prática Do Profissional De Educação Física. **Conexões**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 159-168, 2014.

ARAUJO, Mauricio Pires de et al. Contribuição de diferentes conteúdos das aulas de educação física no ensino fundamental I para o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais. **Rev. bras. med. esporte**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 153-157, 2012

ARMBRUST, I. ; SILVA, S. A. P. S. Esportes Radicais como conteúdo da Educação Física Escolar. In: SIMPOSIO MULTIDISCIPLINAR DA USJT, 16., 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USJT, 2010.

BAZOTTI, Leandro. Cronologia do Turismo de Aventura no Estado do Rio Grande do Sul. 2012. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DE MERCOSUL, 7., 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul-RS: UCS, 2012. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt06/arquivo_s/06/04_23_54_Bazotti. Acesso em: 15 abr. 2016.

BETRÁN, Javier. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. p.157-202.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano estratégico de desenvolvimento do turismo na região das serras gaúcha e Catarinense**. Brasília: Ministério do Turismo, 2015. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/Contrato_BID_2229_UCP/Plano_Serras_Gaucha_e_Catarinense/Plano_Estrategico_Aparados_Serra.pdf. Acesso em: 15 abr. 2016

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CAPAVERDE, Mariane Rech; MEDEIROS, Tiago Nunes; ALVES, Sergio Luiz Chaves. Esporte de aventura nas aulas de educação física: uma alternativa ao alcance dos profissionais? **Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e sociedade. In: DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 19-50.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 101-138.

FIGUEIREDO, Juliana de Paula; SCHWARTZ, Gisele Maria; DOBRÁNSZKY, István de Abreu. Educação Ambiental e Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN): perspectivas de utilização no contexto escolar. **EDF Esportes Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 146, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd146/educacao-ambiental-e-atividades-fisicas-na-natureza.htm>. Acesso em: 15 abr. 2016

FRANCO, Laercio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. 2008. Dissertação (Mestre em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 2008.

Disponível em:

http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137062P0/2008/franco_lcp_me_rcla.pdf. Acesso em: 15 abr. 2016.

GUEDES, D. G. da S.; BUNGENSTAB, G. C. Slackline: desafios e possibilidades no ambiente escolar. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 23, n. 1, p. 48-57, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/7663>. Acesso em: 27 dez. 2021.

GODTSFRIEDT, Jonas. Prática do lazer: uma revisão de conceitos, barreiras e facilitadores. 2010. **EDF Esportes Revista Digital**, Buenos Aires, v. 14, n. 142, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd142/pratica-do-lazer-uma-revisao-de-conceitos.htm>. Acesso em: 14 abr. 2016.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, [S.l.], v. 28, n. 48, p. 168-187, jan. 2016.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed., ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MARINHO, Alcyane. **Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza**. Movimento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Escola Educ Física, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008. Disponible en: <http://hdl.handle.net/11449/42561>.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP: v. 22, n. 2, p. 143-153, 2001.

MARINHO, Alcyane; DE DEUS INÁCIO, Humberto Luís. Educação Física, meioambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, 2007.

MARQUES, Ana Isabel. A educação e o lazer. **Millenium**, [S. l.], n. 10, 1998.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, 2005.

METZNER, Andreia Cristina. Leis e Documentos que regem a Educação Física escolar brasileira: uma breve apresentação. **Revista Hispeci & Lema On Line**, São Paulo, ano 3, n. 3, p. 1-11, 6 nov. 2012. E-book

METZNER, A. C. ; SILVA, J. . Temas Abordados na Educação Física para o Ensino Médio. **Revista Hispeci & Lema (Online)**, São Paulo, v. 1, p. 3, 2009.

PEREIRA, D. W.; ROMÃO, S. P.; CAMARGO, A. A. S. A aventura como desafio aos professores de educação física. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 3, p. 36-46, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10783>. Acesso em: 27 dez. 2021.

PEREIRA, D. W.; et al. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificação e características. **Revista Corpo consciência**. São Paulo, v.12, n.1, jan/jun. 2008, p. 35-56.

PEREIRA, D. W., ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010. 160 p.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares de Educação Física – Ensino Fundamental e Médio. Recife, PE, 2013.

PIRES, P. S. **Dimensões do Ecoturismo**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

POLI, J. Jesus Carvalho et al. Slackline uma nova opção nas aulas de Educação Física. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, n. 174., 2012. <http://www.efdeportes.com/efd174/slackline-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>

RIO GRANDE DO SUL. **Referenciais curriculares do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

SCHWARTZ, Gisele Maria. **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

SILVA, Marco Antônio Ferreira da. **Esporte orientação**: conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para o currículo escolar. 2011. TCC (Licenciatura em Educação Silva) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Mauro Sérgio da; BRACHT, Valter. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Revista Kinesis**, Santa Maria-RS, v. 30, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>. Acesso em: 15 abr. 2016.

SOUZA, Aécio Gomes; DOS SANTOS FREIRE, Elisabete. Planejamento participativo e Educação Física: envolvimento e opinião dos alunos do Ensino Médio. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 3, 2009.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de ciências do esporte**, [S. l.], v.1, n.1, p.60-66, 2013.

TAHARA, A. K. Fatores de aderência às atividades de aventura. In: SCHWARTZ, G. M. (Org.) **Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 113-126

TERUEL, Ana Paula. **Atividades de aventura no contexto escolar, na visão de**

professores de educação física. 2011. 36 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais.** Barueri: Editora Manole Ltda, 2001.

VIEIRA, Marcelo; PEREIRA, Dimitri Wuo; MARCO, M. Primeiros obstáculos noParkour escolar. In: CONGRESSO PAULISTANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR1., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: CONPEFE. 2011.